

# AS LUTAS PELA MÃE TERRA: UMA PESQUISA EMPÍRICO-QUALITATIVA SOBRE OS CONFLITOS SOCIAIS DOS CAMPONESES SEM-TERRA NO SUL DO BRASIL, CONSIDERANDO CATEGORIAS SÓCIO-ESPACIAIS E DE AGIR SOCIAL<sup>1</sup>

Walter Marschner<sup>2</sup>

## Introdução

O processo da modernização acelerada a partir dos anos 70 afetou profundamente as sociedades agrárias no Brasil. Como um processo de diferenciação social a modernização significou a relativização de tradições, exigindo constantemente o reformular da identidade camponesa. Parte-se do pressuposto de que a modernização da sociedade e a globalização se realizam numa complexa mistura de processos sociais, que provocam não apenas rupturas e descontinuidades, mas também se expressam através novas formações sociais (Beck, 1998; Canclini 2002; Giddens, 1996; Castells, 2002). Nas ciências sociais, por sua vez, surge a necessidade de um novo enfoque sobre o assim chamado *espaço rural*. Muitas são as análises sociológicas que entrementes apontam para uma “redescoberta do rural” no Brasil (Wanderley, 2000; Campanhola e Graziano da Silva, 2000; Gomes, 2001; Sauer, 2002)<sup>3</sup>. Essa redescoberta é, em parte, vinculada à crescente auto-consciência da população rural acerca de sua identidade, seus direitos e do seu papel na sociedade como também através da veiculação de novas imagens sobre o rural pelos meios de comunicação.

No meio destas transformações destaca-se o papel que desempenham os *novos atores sociais no campo*. Especialmente nas últimas décadas as crescentes ocupações de terra, através das organizações camponesas e

<sup>1</sup> O presente artigo é um resumo da Tese de doutorado em Sociologia defendida em Junho de 2005 no Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo, originalmente em língua alemã: “Die Kämpfe um Mutter Erde. Eine empirisch-qualitative Untersuchung über soziale Konflikte landloser Campesinos in Südbrasilien unter besonderer Berücksichtigung räum- und Handlungssoziologischer Kategorien”. disponível no site: <http://www.sub.uni-hamburg.de/opus/volltexte/2005/2606/>

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade de Hamburgo. Cooperador de Desenvolvimento do Serviço de Desenvolvimento das Igrejas Evangélicas da Alemanha - Evangelischer Entwicklungshilfe, EED, E-mail: [wmarschner@googlemail.com](mailto:wmarschner@googlemail.com).

<sup>3</sup> Abordagens da sociologia da estruturação de Giddens (Giddens, 1999: 1996) e da sociologia reflexiva de Ulrich Beck (Beck, 1996) apontam então para um desafio central da modernidade. Estes autores entendem que os sujeitos sociais devem comportar-se em todas as áreas da vida social de forma reflexiva, uma vez que a modernidade, com seus efeitos desestabilizadores, se imiscui em todos os âmbitos do social (“descolamento”, segundo Giddens, 1999, p. 335s).

organizações sindicais, contribuíram para que no Brasil acontecesse uma revitalização do espaço rural - espaço este que, historicamente, sempre fora marcado por alta concentração de terras e pela manutenção de relações oligárquicas e clientelistas. A partir daí observa-se que várias organizações não-governamentais formulam projetos interessantes para promoção do desenvolvimento sustentável no campo, baseando-se na concepção de uma nova gestão regional de recursos, com a reformulação das relações sociais e o surgimento de sujeitos com destacado protagonismo a nível local. A mesoregião Sudoeste do Paraná (SE-PR), onde se realizou a presente pesquisa de campo, é um exemplo singular nesse sentido.

Considerando os atuais condicionantes da questão agrária propõe-se neste estudo desenvolver um estudo de caso, um levantamento empírico, enfocando o campesinato da região Sudoeste do Paraná. Teoricamente propõe-se discutir esta realidade a partir de dois eixos: *sociologia do espaço e teoria da ação*.

### **Questões colocadas**

Quais são os fatores que conduzem para que o espaço seja percebido de forma tão diferenciada em sociedades globalizadas/ modernas?

Quais são os componentes que devem ser considerados para entender a construção do espaço, para além de sua realidade física?

Concretamente em relação ao estudo de caso:

Quais são para os camponeses os limites e possibilidades em termos de integração social, que estão implicados na forma com que concebem a terra como seu espaço vital?

Quais são as chaves de leitura que estas imagens de espaço podem oferecer para entender as mudanças sociais, especialmente considerando os desafios da reforma agrária no Brasil?

### **Marco teórico**

#### **Análise sócio-espacial**

A categoria *espaço* foi elevada na sociologia moderna como um instrumento interpretativo privilegiado para entender as mudanças sociais (Löw, 2001; Sturm, 2000; Läßle, 1991). A globalização - aqui entendida como uma "técnica" que age sobre as categorias de orientação das pessoas (Giddens, 1999; Santos, 2002; Siqueira e Osório 2003) - traz para o centro a análise sócio-espacial. Como uma consequência fundamental da

modernidade e da globalização, os atores sociais são cada vez mais desafiados a reformular diariamente seus pontos de referência. Sobretudo lhes é exigido um alto nível de *reflexividade* no cotidiano. Como o espaço globalizado hoje é objeto de constantes *fluxos* de pessoas, recursos e informações, o espaço passa a ser cada vez mais relativizado como realidade física. O espaço - assim como outros eixos de orientação tais como origem, tradição ou pertença de grupo/classe - não é facilmente "localizável,, precisando ganhar seus contornos no cotidiano, através da ação reflexiva.

A análise da evolução da sociedade em algumas teorias sociológicas importantes como as de Dürkheim, Halbwachs, Lefebvre e Giddens relacionam a complexidade social com a crescente independência no espaço. Diante disso formula-se uma verdade central para a sociologia do espaço, a saber, *que a constituição do espaço deve ser socialmente concebida* (Löw, 2001, p. 130ss; Sturm, 2000, p. 141ss; Läpple, 1991, p. 194ss). Espaço surge assim como produto da subjetividade e do agir humanos no desembaraço dos problemas cotidianos. Eis aqui a conexão entre espaço e ação.

### A análise a partir da teoria da ação

Conforme a teoria da ação, o conceito de espaço deve ser formulado a partir do "compreender" - no sentido de Max Weber - da ação dos sujeitos, ou seja, o conceito de espaço deve partir da compreensão do sentido e da subjetividade de seu agir. Dessa forma camponeses podem ser entendidos como pessoas cotidianamente ocupadas com a "interpretação comumente compartilhada" (no sentido de Schütz e Berger e Luckmann) de seu meio rural. Essa interpretação de seu cotidiano objetiva a formação de um "mundo consensual". A manutenção deste mundo é fundamental para a reprodução social dos camponeses, para *manutenção de seu Ethos*. Nesse sentido pode-se dizer que situações de crise e de descontinuidade, tais como migrações impostas e a luta por sobrevivência, exigem desses atores encontrar no cotidiano novas alternativas. Tal fenômeno vem ao encontro do que diagnostica Beck (1991), a saber, que o avanço da modernidade "descola" os sujeitos de suas tradições<sup>4</sup>. De fato os camponeses são desafiados a buscar outros elementos para planejar suas ações futuras uma vez que as bases explicativas como *pertença a um lugar, família, classe, religião* já não são mais suficientes. Aos poucos o campesinato, como todo o sujeito social na modernidade, precisa também moldar reflexivamente sua biografia e estar disposto a sempre de novo reformular sua identidade: hoje ele é herdeiro da propriedade, amanhã é migrante ou "colono" na nova fronteira agrícola, outro dia é acampado. Aqui relaciono minhas reflexões

<sup>4</sup> Abordagens da sociologia da estruturação de Giddens (Giddens, 1999, 1996) e da sociologia reflexiva de Ulrich Beck e Beck, (1992) apontam então para um desafio central da modernidade. Estes autores entendem que os sujeitos sociais devem empunhar-se em todas as áreas da vida social de forma reflexiva, uma vez que a modernidade, com seus efeitos desestabilizadores, se mistica em todos os âmbitos do social "descolamento" segundo Giddens, 1999, p. 33-34.

com um dos temas sociológicos mais importantes da atualidade: a *busca por segurança* (Giddens, 1999, p.43ss; 1997, p.102ss; Beck, 1991, p.140ss). Assim a busca por dar contorno ao espaço vem ao encontro da necessidade humana de formular sentido e encontrar confiança em um mundo onde se multiplicam a insegurança e coerção estrutural.

Mas como encontrar segurança num mundo tão fragmentado, onde a tradição e as antigas relações de pertença já não fornecem certezas? Os teóricos da globalização apontam na *intersubjetividade* a chance dos atores criarem espaços de liberdade e de identidade. Goffmann (1985) aponta que em sociedades modernas as *relações face a face* ganham relevância. Estas devem não apenas recuperar a confiança necessária, perdida nas relações abstratas da globalização, mas também podem despertar<sup>3</sup> junto aos atores os *princípios estruturadores neles adormecidos* (numa releitura de Durkheim), com os quais se pode conquistar de novo a nível local a condução de processos sociais, o que pode significar integração social ("reancoragem", segundo Giddens, 1997). Essa intersubjetividade continua viva na globalização e pode se revelar profundamente emancipadora. A pesquisa de campo junto aos camponeses do Sudoeste do Paraná trouxe à luz processos narrativos, de resgate de memória social, redescoberta de rituais, etc... São processos que devolvem enfim a este grupo a capacidade de se redefinir como sujeitos de seus espaços, tornando-se capazes de formular estratégias que vão desde a solução dos problemas cotidianos até o desenvolvimento regional. Entende-se por isso que tais processos narrativos são decisivos para uma definição de espaço em tempos de globalização avassaladora. Esses processos narrativos são sistematizados na presente pesquisa como "representações de espaço".

### Sobre o conceito de representações de espaço

A pergunta que me conduz à análise das representações sociais surge da constatação de que a sociedade moderna se desenvolve crescentemente através da produção e veiculação de imagens e conteúdos virtuais, de forma que é difícil no cotidiano distinguir a realidade objetiva de sua representação. A produção de imagens e representações impregna de tal forma os interstícios da realidade que, segundo Sergei Moscovici, um dos mais importantes representantes da psicologia social, "nós podemos dizer que a representação constitui a realidade mesma" (Moscovici, 1995, p.313).

Segundo a definição de Moscovici, as representações sociais são formadas de um corpo ordenado de conhecimentos e são processos psíquicos de percepção, com os quais as pessoas podem captar a realidade

<sup>3</sup> Giddens toma como pressuposto metodológico o fato de que os atores sociais têm condições de esclarecer discursivamente o seu agir (ou de escondê-lo). É o que Giddens chama de *hermenêutica dupla*: os atores sociais detêm, "como aspecto integral do que fazem, a capacidade de entender o que fazem, enquanto o fazem e podem, caso forem perguntados, fornecer os fundamentos que motivam o seu agir" (Giddens, 1997, p. 431).

psíquica e social. Através das representações sociais as pessoas podem ser introduzidas tanto num grupo como nos processos de trocas cotidianas, como também desenvolver sua capacidade de imaginação (Moscovici, 1978, p. 28).

Pierre Bourdieu, por sua vez, entende esse desdobramento de trocas e potenciais imaginativos como uma *luta simbólica*: as representações incorporam a defesa de um estilo de vida de um determinado grupo e asseguram manutenção de um Ethos. Para ele as representações se baseiam em memórias, valores e desejos. Elas ativam processos sociais visando legitimar atores e seu agir. Muito mais do que mostrar uma nova realidade, as representações contêm as forças “para fazer crer e fazer ver” (Bourdieu, 1985, p.29). Bourdieu formula assim que as representações inauguram campos sociais que ele, derivando de seu conceito de Habitus, chama de “*espaço social*”. Este conceito é base para o que eu entendo como representação de espaço.

A disputa entre os camponeses por recursos no cotidiano, a busca por orientação ou o compartilhar ritual de utopias e de novas ordens sociais inauguram de fato “espaços” que inicialmente existem no plano virtual, são comunicados através de imagens, valores representações. Este espaço virtual pode por fim ser objetivados pelo “gesto de poder” dos atores de se estabelecer novas fronteiras, como é o caso da redefinição dos espaços sociais no campo pela ocupação de terras.

### **O estudo de caso no Sudoeste do Paraná**

O sudoeste do Paraná (Se-Pr), lugar de minha pesquisa de campo, é uma das regiões do Brasil com um claro perfil pequeno camponês. A assim chamada “revolução dos colonos”, acontecida em 1957, manifesta-se até hoje na memória coletiva da população desta região. O levante culminou com a tomada das principais cidades da região SE-PR, tornando possível para pequenos agricultores praticamente desarmados expulsar os pistoleiros que, a serviço de latifundiários, pressionavam os colonos. Resultado desta ação singularmente bem-sucedida foi a regularização do conflito com a definitiva titulação das terras dos colonos. As organizações camponesas e os sindicatos que sucederam essa luta passam a ampliar as reivindicações dos camponeses e através de várias conquistas fizeram da região Sudoeste do Paraná um autêntico território camponês. Apesar da região ter um nível de concentração agrária relativamente baixo, começam em 1985 as primeiras ocupações de terras devolutas ou consideradas em litígio na região. Três foram os fatores conjunturais que ameaçavam os camponeses neste tempo:

- O esgotamento da fronteira agrícola no Sudoeste do Paraná com a fragmentação das propriedades rurais a níveis inviáveis. Este foi resultado da expansão da assim chamada "modernização conservadora" que, no bojo dos projetos de modernização e internacionalmente impostos nos anos 60 e 70, foram desenvolvidos no país de forma unilateral, privilegiando o desenvolvimento tecnológico em detrimento do social.

- O fracasso da colonização da fronteira amazônica - projeto de desenvolvimento da ditadura militar visando a integração da Amazonia legal - fazendo retornar dos colonos do norte do país para as terras de origem, com o surgimento de uma massa de "agricultores encostados" na propriedade de seus parentes.

- A expulsão de milhares de agricultores no Oeste e parte do SE-PR em função da inundação de terras para construção de barragens.

A combinação destes três fatores leva, de um lado, ao aumento do êxodo rural e aumento da concentração urbana e, por outro lado, ao aumento da pressão pelas terras da região. Através dos impulsos da Comissão Pastoral da Terra (CPT), dando uma grande contribuição à organização do campesinato no Paraná, foi fundado em 1978, na cidade de Cascavel, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como uma coalizão de diferentes movimentos camponeses. Aqui convergiram diferentes expectativas, formas de agir e formas de resistência camponesas, que conduziram para o surgimento de uma nova práxis social elevando ao nível político a defesa do Ethos camponês.

É nesse sentido que Fernandes fala de uma "especialização da luta por terra", ou seja, do desenrolar das lutas por terras ao nível da espacialidade (Fernandes, 2001). Trata-se de processos territoriais que introduziram uma nova lógica na ordem espacial vigente. O adensamento das lutas por terra conduziu ao surgimento de novos imaginários e da generalização de determinadas praxis, de forma que, segundo Fernandes, as ocupações de terra se tornam um "fator geográfico" que devem ser encaradas como novo objeto de estudo das ciências do espaço (2001, p. 40ss).

### **Sobre a pesquisa de campo**

As áreas por mim pesquisadas - o acampamento Renascença, o assentamento de reforma agrária Missões e um tradicional povoado camponês Jacutinga - correspondem a momentos diferentes da organização camponesa ("luta por terra" e "luta na terra"). Esses espaços abrigam diferentes atores e são a base da produção de diferentes representações de espaço: caboclos, colonos, bóias frias e, em parte, pequenos agricultores com destacada cultura empresarial. Um fator condicionante que surge durante a pesquisa que vale aqui ser citado foi a introdução do "Projeto

Vida na Roça” (PVR) no povoado Jacutinga e no Assentamento Missões. O Projeto busca basicamente a *formulação de um paradigma de desenvolvimento alternativo para o espaço rural através de processos participativos nas comunidades locais*. Busca-se no PVR sobretudo fortalecer a autonomia da população camponesa, partindo da superação da fragmentação e da descontinuidade das relações clientelistas que historicamente marcaram os projetos de desenvolvimento no campo.

Metodologicamente a pesquisa de campo se caracteriza pelos seguintes pontos:

**Questão central:** Definir as representações espaço bem como a sua incidência na constituição do espaço em contexto de conflitos por terras. Trata-se de compreender como se dá a “redescoberta do espaço rural” no contexto de luta por terra.

**Método de levantamento:** Pesquisa qualitativa do tipo observação participante (Lamnek, 1995) com a aplicação de entrevistas narrativas (Flick, 2002) e da confecção de protocolos de *observação*.

**Grupo alvo:** Os assentados do assentamento missões, tendo como informantes adicionais os sem-terra do acampamento Renascença e os pequenos agricultores do povoado Jacutinga. A definição da amostragem se deu através do princípio “bola de neve” (o informante indica o próximo a ser entrevistado).

**Método de análise:** Será empregado a análise de conteúdo (Mayring, 2003) segundo a qual deve-se condensar o material coletado através da formulação de paráfrases, seguido da codificação e estruturação dos dados por meio de um sistema categorial. Este sistema será formulado por sua vez através de processos indutivos (em diálogo com o material empírico) e dedutivos ( formulado a partir do quadro teórico adotado).

**Instrumental teórico:** Para perceber empiricamente essa reflexividade narrativa, que é base do desenvolvimento dos princípios estruturadores junto aos atores, passo a *distinguir metodologicamente três campos de competência: (i) agir normativo*, considerando memória social, a tradição e valores camponeses; (ii) o *agir estratégico* e (iii) o *agir ritual*. Esses três campos de competência foram formulados através de um processo dedutivo e indutivo. Empiricamente pude constatar que os camponeses, ao se esforçarem em apresentar o seu agir de forma coerente, classificam-o em diferentes campos de competência. Esse espectro imprime ao agir social um caráter dinâmico e relacional, que incide nas relações de espaço.

Com o levantamento empírico buscou-se *reconstruir a realidade* dos camponeses, da forma como esta se manifestou nas entrevistas. Essa reconstrução foi apresentada de forma sistemática. As três formas de agir que destaco - normativa, estratégica e ritual - analiso aqui relacionando, por um lado, o contexto histórico da região sudoeste do Paraná e, por outro lado, as biografias concretas dos camponeses.

### **Resultados da pesquisa**

As narrativas biográficas no levantamento empírico davam conta de processos de migração - verdadeiros itinerários de sobrevivência, davam conta de diferentes sentimentos - sonhos, desejos, medos, que se vinculavam existencialmente com a terra. As narrativas manifestavam a realidade social da luta por terra no estado do Paraná e *mostravam ao mesmo tempo como a terra ansiada se tornava projeção* desses sentimentos. A luta por recursos no cotidiano, a busca por orientação, a comunicação ritual das utopias e de novas ordens sociais abriu de fato espaços virtuais. Estes eram primeiro comunicados através de imagens, valores e representações, para depois serem objetivados através do "ato de poder" de criar espaços alternativos e mudar as fronteiras.

A fazenda Camiloti, ocupada pelos sem-terra, hoje chamada de "Assentamento Missões" conquistou uma nova identidade. Ela foi descrita pelos camponeses entrevistados como um "*lugar seguro e confiável*", como um "*lugar vivido*", que se distinguia de outros lugares e espaços inóspitos, sejam estes a cidade ou à "*terra da servidão*" (na experiência do trabalho de meeiro na "*terra cativa*" do patrão). Os sem-terra experimentam com a ocupação e a estruturação do assentamento uma mudança sensível de identidade. Outrora estigmatizados pela sociedade como marginalizados, eles se entendem agora como "*camponeses, proprietários*", "*produtores rurais*", "*trabalhadores livres*" e "*membros do MST*". Se sentem enfim integrados na sociedade envolvente. Dessa forma as falas dos camponeses indicam sobretudo a *ritualização de uma passagem*: as lutas por terra, que libertam os camponeses e libertam por fim a terra mesma, não são conduzidas apenas de forma factual em termos de polarização e disputas entre poderes. Elas também são conduzidas de forma ritual. Os diferentes momentos ao longo dos processos de ocupação da terra até a estruturação do assentamento, são apresentados em forma de uma linguagem ritual (como um "comentário meta-social" segundo Geertz, 1998).

No tocante do *agir ritual* dos camponeses destaca-se a realização da 11 Romaria da Terra em Rio Bonito do Iguaçu, organizada em 1997 pela Comissão Pastoral da Terra. A CPT realizou com a Romaria a "consagração" do Assentamento Ireno Alvez dos Santos, antes Fazenda Giacometti, agora

“Terra liberta para promoção da vida” (lema da romaria). No evento estavam presentes, entre milhares outros, os assentados do Assentamento Missões. A romaria surge aqui como um acervo de desejos, valores e memórias camponesas que, comunicados ritualmente, ganham um caráter religioso, que se estende por último sobre a terra conquistada. O vivido comunitariamente emerge ritualmente como algo especial, algo sagrado, pois “a luta não é em vão”, mas assume um lugar central na biografia dos camponeses.

Das falas dos camponeses sobre as suas *normas e valores* foi possível perceber que tais normas tendem a se cristalizar: elas deixam de ser costumes e passam reflexivamente a formar diferentes instituições que sancionam o acesso e uso da terra. Nesse sentido pode-se diferenciar através das falas dos camponeses entrevistados diferentes sistemas de “direito a terra” que competem no assentamento: *propriedade privada, propriedade coletiva* (segundo a concepção do MST), a “*posse*” (da tradição cabocla ou *usucapião*) e o *conceito comunitarista e participativo* de acesso e direito à terra (em processo de formulação no assentamento através da condução do Projeto Vida na Roça). A ocupação da terra no Assentamento Missões desafia os camponeses a trabalhar de forma dinâmica as diferentes tradições e representações de espaço ali concorrentes, tendo em vista a alcançar um conceito próprio de acesso e uso da terra. Nesse sentido o assentamento abriga um extraordinário trabalho de discussão e conscientização tendo em vista a formação de que um sistema de acesso e uso da terra, para o qual várias assembléias, reuniões e programas de formação foram organizados. Ali os valores e tradições dos caboclos e dos migrantes precisam ser reflexivamente articulados considerando as disposições legais do INCRA tanto como a ideologia do MST no tocante à forma de estruturação de um assentamento e da produção.

O *agir estratégico* dos camponeses se concretiza na alocação de “*recursos*” (uma palavra usada frequentemente nas entrevistas) de todo o tipo para assegurar a existência da autonomia do assentamento. A carência de recursos para produção, expresso massivamente nas entrevistas, é visto como dificuldade central para o desenvolvimento local. Dessa forma observa-se o desenvolvimento de um *protagonismo local*, quando os camponeses aplicam o seu saber por seus conhecimentos e suas tradições de forma estratégica para dar um novo *o contorno* a suas estruturas e organizações. Especialmente no campo da educação - onde a discussão sobre o *papel da escola* no assentamento emerge claramente - são tomadas medidas para desenvolver um *saber local*, que deve ser a base para uma gestão local.

Por fim passo a investigar as *representações do espaço*, tal como surgem nas narrativas. Entendo-as ligadas intimamente às formas de agir

apresentadas acima, surgindo no horizonte interpretativo dos camponeses entrevistados, no contexto de suas ações em torno do espaço. Na paráfrase das falas dos camponeses a terra é representada então de distintas formas:

Como "*lugar seguro*": um lugar que possibilita superação do medo, da instabilidade e do caos do ser sem-terra bem como a superação das relações de dependência que caracterizava o passado;

Como "*lugar de autonomia*": onde o acesso à terra possibilita os camponeses serem sujeitos da sua própria biografia, reproduzindo-se como *trabalhadores livres*, afastando o risco da proletarização;

Como "*lugar alternativo à cidade*", aqui o espaço "*roça*" se diferencia claramente da cidade. As relações entre esses dois espaços são determinadas reflexivamente. O conceito "qualidade de vida e trabalho" como o objetivo geral do Projeto Vida na Roça como um todo, aponta para uma nova concepção desenvolvimento, para além da produção agropecuária, com a inclusão de aspectos como cultura e tempo de lazer, por exemplo. Nem lugar de trabalho penoso, nem espaço de produção cada vez intensa, a *roça* é antes sim um lugar alternativo a cidade, lugar de outro estilo de vida mais saudável e pode incluir também outras formas de geração de renda, abrigo alternativas de lazer e de promoção da cultura camponesa.

Como "*mãe terra*": ao contrário daquilo que os camponeses descrevem como a "*agricultura depredadora*" a representação da mãe terra aponta para uma cooperação recíproca e cheia de cuidado entre o ser humano e natureza. Pois "*terra é vida*" e precisa "*estar em equilíbrio com os seres humanos*". As representações da mãe terra, presentes também nos mitos e imagens das religiões indígenas, apontam para uma ordem cósmica muito antiga que emerge na cultura camponesa como uma poderosa imagem moral, base para formulação de um conceito de produção sustentável no campo.

## Conclusão

*Pão, liberdade, autonomia, acolhida*: as representações em torno do espaço terra comunicam valores e imagens que a indicam para pressupostos fundamentais da vida humana. Não é atoa que estas representações transmitem uma idéia do que os camponeses entendem como produção e desenvolvimento ecologicamente justos. Essa idéia camponesa se distingue, entretanto, dos standards de sustentabilidade vigentes nos projetos de desenvolvimento justamente por sua radicalidade. Pois a idéia de sustentabilidade, conforme surge na representação da "*mãe terra*" e outras representações camponesas está encapsulada num *mundo moral*. Esse mundo engloba com uma *ordem moral* que se opõe diametralmente à ordem econômica. Essa ordem moral é representada claramente na terra conquistada, cujas fronteiras - também entendidas como o processo narrativo de divisão - são permanentemente reconstruídas.

Através do levantamento das representações de espaço, considerando os diferentes tipos de agir dos camponeses, pode-se determinar aqui uma relação dinâmica entre tradição e modernidade, expressas nas relações espaciais. A terra conquistada é um *espaço livre* para a criação de novas identidades. Esse ato criativo não promete outra coisa a esses atores do que a possibilidade de continuarem preservando o seu *Ethos*.

### Referências

- BECK, Ulrich et al. **Politik in der Risikogesellschaft**. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1991.
- BECK, Ulrich et al. **Reflexive Modernisierung: eine Kontroverse**. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1996.
- BECK, Ulrich. (Org.) **Politik der Globalisierung**. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1998, p. 7ss.
- BOURDIEU, Pierre. **Sozialer Raum und „Klassen“**. *Leçon sur la leçon. Zwei Vorlesungen*. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1985.
- CAMPANHOLA, Clayton und GRAZIANO DA SILVA, José. (Org.). **O novo rural brasileiro: uma análise nacional e regional**. V. 1, Jaguariúna, EMBRAPA e UNICAMP, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. **La globalización imaginada**. México, Editorial Paidós Mexicana, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **Das Informationszeitalter Wirtschaft Gesellschaft Kultur**. V. 2: *Die Macht der Identität*. Opladen, Leske + Budrich, 2002.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo, Editora Cortes, 2001.
- FLICK, Uwe. **Qualitative Sozialforschung. Eine Einführung**. 6. ed., Reinbek, Rowohlt, 2002.
- GEERTZ, Clissord. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York, Basic Books, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Leben in einer posttraditionalen Gesellschaft**. *In*: BECK, Ulrich: *Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Frankfurt/M.; Suhrkamp, 1996. p. 113ss.
- GIDDENS, Anthony. **Die Konstitution der Gesellschaft. Grundzüge einer Theorie der Strukturierung**. 3. ed., Frankfurt /M., Campus Verlag, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **Konsequenzen der Moderne**. 3.ed., Frankfurt/ M., Suhrkamp, 1999.
- GOSSMANN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GOMES, Iria Zanoni. **Terra e subjetividade. A vida no limite do caos**. Curitiba, Criar Edições, 2001.

- LÄPPLE, Dieter. **Essay über den Raum. Für ein gesellschaftswissenschaftliches Raumkonzept.** In: HÄUSSERMANN, Hartmut. et al. (Org.): *Stadt und Raum.* Pfaffenweiler, Centaurus Verlag, 1991, p.157ss.
- LÖW, Martina. **Raumsoziologie.** Frankfurt/M., Suhrkamp, 2001.
- MAYRING, Philipp. **Einführung in die qualitative Sozialforschung. Eine Einleitung zu qualitativem Denken.** 2. ed., Weinheim, Beltz Psychologie-Verlag Union, 1993.
- MAYRING, Phillip. **Qualitative Inhaltsanalyse. Grundlage und Techniken.** 8. Ed., Weinheim und Basel, Beltz Verlag, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. **Geschichte und Aktualität sozialer Repräsentationen.** In: FLICK, U. (Hg.): *Psychologie des Sozialen. Repräsentationen in Wissen und Sprache.* Reinbek, Rowohld, 1995. p. 266ss.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 9. ed., Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.
- SAUER, Sergio. **Terra e modernidade: A dimensão do espaço na aventura da luta pela terra.** (Dissertação), Brasília, Universidade de Brasília UnB, 2002.
- SIQUEIRA, Deis e OSÓRIO, Rafael. **O conceito de rural.** In: GIARRACA, Norma. (Org.): *Una Nueva ruralidad en américa Latina?* Buenos Aires, CLACSO. In: <http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/rural/rural.html> 2005. p.67ss.
- STURM, Gabriele. **Wege zum Raum: methodologische Annäherungen an ein Basiskonzept raumbezogener Wissenschaften.** Opladen, Leske und Budrich, 2000.
- WANDERLEY, Maria N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o “rural” como espaço singular e ator coletivo.** In: *Estudos Sociedade e Agricultura,* Pernambuco, UFPB, 2000.

**Recebido: 06/06/2005**

**Aprovado: 16/08/2005**